

Heidegger e a interpretação ontológica dos “riscos” da técnica moderna

José Roberto da Silva

Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas - Campus Sertão

E-mail: joserroberrto13@yahoo.com.br

Recebido em: 20/01/2019.

Aprovado em: 17/03/2019.

Resumo: Nosso objetivo neste artigo é apresentar o que Heidegger entende por técnica moderna, demonstrando que não há neste autor, ao contrário do que se pensa, uma desautorização da técnica; há, para ele, o reconhecimento de um perigo na técnica moderna, mas esse não tem um sentido de ameaça moral, de destruição. O perigo, ao invés de ser mostrado nas possíveis ameaças dos desenvolvimentos dos instrumentos técnicos, os antecede, fazendo parte da relação originária que o homem tem com o ser. Isso faz a abordagem heideggeriana desviar-se das tradicionais, relacionando-a com a questão do “destino” do ser. Diagnósticos antropológicos (técnica vista como meio para fins), epistemológicos (técnica vista a partir do conhecimento científico), etc. serão colocados entre parênteses em nome do nível ontológico. Neste nível, a técnica salta do âmbito instrumental para o âmbito da essência, essência que abrigará o que “ameaça” e o que “protege” o ser do humano num tempo em que a tecnologia ocupa todo espaço da vida humana.

Palavras-chave: Heidegger, Metafísica, Técnica, Verdade, Essência.

Heidegger and the ontological interpretation of the modern techniques “risks”

Abstract: Our aim with this paper is to present what Heidegger understands as modern technique, showing that contrary to common understanding, the author does not say anything that disapproves these technique. According to the author, there is the acknowledgment of danger in the modern technique, but not in a way that threatens moral sense or brings destruction. The danger, instead of being present on the possible threats in technical instruments development, is preceded and takes part on the original relationship between man and being. That makes the Heideggerian approach deviate from the traditional ones, relating itself with the matters of the destiny and being. Anthropological (technique as a way to the end) and epistemological (technique as scientific knowledge) diagnosis are ignored on behalf of the ontological level. At this level, the technique takes a new leap from the instrumental scope to the essence scope. The same scope will host the threat and protection of the being from the human in a time when technology occupies all space in human life.

Keywords: Heidegger, Metaphysics, Technic, Truth, Essence.

Introdução

A questão da técnica é um tema significativo para as discussões filosóficas, pois emerge no cenário atual da filosofia por estar vinculada a diversos argumentos que se referem ao destino do ser humano e à sua relação com a natureza. Observam-se no panorama moderno-contemporâneo debates que giram em torno das possíveis ameaças e dos possíveis benefícios que a técnica pode propiciar, quando compreendida em sua relação com o homem. Os responsáveis por estas discussões são aqueles pensadores que entendem a técnica, direta ou indiretamente, como resultado do processo do desenvolvimento da racionalidade humana no transcorrer da história do Ocidente. Aqui podemos citar os nomes de Spengler, Ortega y Gasset, Hans Jonas, Heidegger e o de alguns membros da escola de Frankfurt, como, Marcuse, Adorno, Horkheimer e muitos outros.¹

Em um contexto posterior ao dos autores citados acima, as reflexões sobre a problemática da técnica têm se mostrado em uma discussão com a biotecnologia, que apesar de ser uma forma de conhecimento científico complexo que se propõe a beneficiar a vida, não deixa de gerar discussões controversas. Hoje uma das grandes polêmicas gira em torno da prática da engenharia genética; esta, com o seu potencial para alterar elementos significativos da dinâmica da vida, tem estimulado uma discussão acirrada sobre o futuro do ser humano. Percebe-se isso nos textos e nos argumentos de Lecourt (2003) e Fukuyama (2003).

A maioria dos teóricos da técnica, independentemente do contexto no qual se encontram, ao abordarem esta questão, entendem que a mesma tem seu ponto de desenvolvimento a partir do aparecimento da ciência moderna, sobretudo pelo fato de a ciência ser um modo de conhecer que se vincula a instrumentos; instrumentos necessários para auxiliar na produção dos resultados das pesquisas referentes ao controle humano sobre a natureza.

Geralmente as interpretações dos principais teóricos contemporâneos fazem menções críticas ao nome de Francis Bacon, sobretudo pelo fato de este pensador trazer para o Ocidente a crença de que o instrumento técnico faz elevar o progresso científico, conseqüentemente, o progresso da humanidade. Por este motivo, Bacon² e Descartes³, entre outros pensadores que iniciaram suas pesquisas no período nascente da ciência moderna, são constantemente referenciados nas críticas das discussões contemporâneas acerca da racionalidade técnico/científica.

De Nietzsche, e seu ataque “feroz” aos efeitos da positividade da ciência, à Escola de Frankfurt e a um considerável número de filósofos modernos como Oswald Spengler, Ortega y Gasset, Heidegger, entre outros, há uma profunda inquietação com as consequências trazidas pelo avanço técnico científico iniciado nas raízes da modernidade. Para estes autores, e também para muitos outros, a conjunção da técnica com a ciência é motivo de preocupações porque interfere no destino do homem e na sua essencialidade.

Em Nietzsche, por exemplo, a inquietação se encontra diretamente referida ao predomínio moral da ciência moderna diante da vida. Pela ciência, a vida se limita a ser julgada e avaliada apenas pela verdade científica, perdendo seu caráter criativo. Na sua famosa frase, “Deus está morto”, a questão da apropriação da vida pela ciência aparece a partir do niilismo instaurado na ausência dos grandes valores produzidos pela metafísica. Deus e os valores metafísicos são eliminados pelo homem moderno, entendido como o “tipo” que calcula; que a priori decide como tudo deve ser. É este homem moderno que ao eliminar Deus institui, em seu lugar, os valores científicos. Na conquista operada por este homem, Nietzsche vê a “ameaça” sobre a terra e anuncia contra este, o seu “super-homem”. O “super-homem”, para ele, é o “tipo” criador, isto é, é aquele “tipo” que perfaz as exigências da vida criando valores que a afirmam.

Spengler, na esteira nietzschiana, concebe a técnica a partir de uma “tática de vida”. Para este autor, enquanto “estratégia”, a técnica é vista como um meio para afirmar a luta que o homem trava com a natureza; a técnica é conatural a toda espécie de vida e é usada como um meio de sobrevivência. No contexto humano a técnica se eleva pela ciência, fazendo desta um instrumento provocador de inquietude face às suas possíveis “ameaças” junto às culturas.

Ortega y Gasset tem outra concepção, que não deixa de ser também crítica, quer dizer, um depoimento inquietante face à questão. Para ele, a técnica surge em atenção ao “desejo” de “supérfluo” da vida humana; o homem está determinado por exigências que transcendem à sua vida natural; vive, sobretudo, para o atendimento de suas necessidades não naturais. Cada necessidade atendida, pelas técnicas, desencadeia outras necessidades, fazendo da técnica um “instrumento” condicionado às exigências humanas de bem estar. Propondo a técnica neste sentido, o homem acaba vinculando o que lhe é essencial ao supérfluo e àquilo que a técnica pode oferecer; neste aspecto a técnica é vista como esforço para superar o esforço.

Com Heidegger,⁴ a questão da técnica ganha novos rumos, pois embora a técnica não tenha sua origem, exclusivamente, na ciência moderna, é na modernidade que ela se intensifica, passando a ser vista como um instrumento que serve ao homem como meio para

atingir fins; a técnica será concebida por sua essência, essência esta que se vinculará à verdade do ser.

Vinculada ao ser, a técnica será considerada intrinsecamente ligada à questão “histórica” da metafísica; mais precisamente, será vista como um envio histórico do ser, ser que perfaz seu ápice no “acabamento” da metafísica moderna, na forma de uma vontade incondicional de domínio. Em Heidegger, as questões dos riscos e das inquietudes da técnica moderna ganharão uma nova significação, pois repousarão em uma ambiguidade: a mesma essência que põe o homem em “risco” devolve-lhe seu sentido essencial.

Nosso objetivo neste artigo é apresentar o que Heidegger entende por técnica moderna, demonstrando que, não há neste autor, ao contrário do que se pensa, uma desautorização da técnica; o que há é o reconhecimento de um perigo na técnica moderna, mas esse não tem um sentido de ameaça moral, de destruição. O perigo, ao invés de ser mostrado nas possíveis ameaças dos desenvolvimentos dos instrumentos técnicos, os antecede, fazendo parte da relação originária que o homem tem com o ser. Isso faz a abordagem heideggeriana desviar-se das tradicionais, relacionando-a com a questão do “destino” do ser. Diagnósticos antropológicos (técnica vista como meio para fins), epistemológicos (técnica vista a partir do conhecimento científico), e outros serão colocados entre parênteses em nome do nível ontológico. Neste nível, a técnica salta do âmbito instrumental para o âmbito da essência, essência que abrigará o que “ameaça” e o que “protege” o ser do humano em um tempo no qual a tecnologia ocupa todo espaço da vida humana.

E para mostrar a “ameaça” que pesa sobre o ser humano na atualidade, Heidegger irá desarticular o sentido tradicional de representação encontrado na relação moderna de subjetividade (sujeito/objeto); irá colocar também, sob suspeita, o princípio de causalidade imperante nas concepções instrumentais da técnica. Entende ele, que a força imperante que perfaz a essência da técnica não se deixa representar a partir de tal princípio, e menos ainda através dos instrumentos, porque está sempre retraída; retraída, ela se revela na expansão de um sujeito racional dotado de uma vontade de domínio imperativa que a tudo converte em simples objeto para quantificação e manipulação. A subjetividade racionalizante mostra-se como sintoma do poder da essência da técnica moderna. Esta tese se confirma quando Heidegger nomeia a essência da técnica com a palavra *Ge-stell* (armação). Este termo alemão significa reunir para pôr, quer dizer, reunir para colocar o todo do ente no modo da disponibilidade (*Bestand*). O *Ge-stell*, na análise heideggeriana, depõe e ocupa o lugar do

“antigo” sujeito, enquanto *Bestand* “ocupará” o antigo significado de objeto. Mas em Heidegger, estes termos empregados para se pensar a técnica não se mostram separados, como na compreensão representacional moderna. O *reunir para pôr em disponibilidade*, operante no *Ge-stell*, é circular, uma vez que se trata de um envio, envio, que, gestado na metafísica grega, caminha pelo Ocidente até perfazer sua culminância no alargamento da subjetividade moderna, onde o homem ocupa o centro da decisão sobre o ente.

Ge-stell afeta e ocupa todo tempo moderno, agindo também em toda atividade humana. Mas, lembra-se e reafirma-se que, paradoxalmente, não é o homem quem, deliberadamente, através da sua vontade, põe as coisas no modo da disponibilidade (*Bestand*). Ao contrário, quem realiza tal intento é o próprio ser que, na forma do *Ge-stell*, e, antecipadamente, se destina desafiando o homem ocidental levando-o a desvelar o sentido do ente como um fundo de reserva disponível. Dito isto, percebe-se que o envio metafísico do ser, mostrado na força do *Ge-stell*, se antepõe para fundar a própria vontade racional. Esta abordagem heideggeriana nos desconcerta, pois ao retirar da vontade humana o seu poder originado de sua vontade racional despreza a autonomia de sua liberdade, liberdade que custou muito caro ao pensamento moderno.

Heidegger não nega que a vontade racional humana opera em favor da técnica; ao contrário, é isto que vemos, sobretudo, na vontade de domínio científico. Entretanto, o que ele quer mostrar é que esta vontade de domínio se encontra antecedida por um envio impensado até então. No pensamento de Heidegger é este antecedente impensado que está em questão quando se analisa os riscos da técnica. Como afirmamos, há uma correlação entre o pensamento racional científico e a técnica moderna. É fato que há um controle humano sobre a técnica e seus efeitos. Sabemos que tudo isto nos foi enviado pela tradição metafísica que sempre definiu e entendeu o ser do homem por sua racionalidade. A tradição metafísica se arroga com tal definição, e nos educou a pensar neste horizonte. Ainda hoje as investidas pedagógicas depõem em favor desta racionalidade. A técnica sempre foi compreendida e concebida na relação com a racionalidade científica do homem. Mas quando Heidegger retira de cena o poder deliberado da vontade racional humana da questão da técnica, está nos convidando a pensar a mesma a partir deste outro âmbito que antecede a vontade; portanto, está nos mostrando que somente o nível da essência, nível anterior ao da racionalidade, pode nos levar a experimentar o que acontece, originariamente, na relação humana com a técnica. É neste nível também que se pode mostrar que a técnica, em seus avanços e em sua forma instrumental, não é o verdadeiro perigo para o homem, uma vez que o “verdadeiro” perigo

(como iremos ver mais à frente) já vem afetando nossa existência (tempo), pois somos, primeiro, decididos pela essência da técnica, essência esta apontada por Heidegger como destino do ser.

Entregue ao ser, e decidido no seu envio, estamos sempre navegando em nossa liberdade para decisão, daí podermos não depor em nosso favor. O mesmo ser que leva o homem a decidir pela era tecnológica é o ser que, na pertença humana, garante a grandeza de o homem desvelar o sentido do seu tempo. E é por vincular a questão da técnica ao ser, que podemos dizer que Heidegger não vê nocividade na técnica; ele também não é um apologeta da mesma e nem a vê como neutra. Ele simplesmente intervém nesta discussão para mostrar que somente o “salto”, o “olhar atento”, para dentro da essência da técnica moderna pode fazer aparecer o que é “perigo” e o que é “salvação” no tempo em que a técnica domina.

Heidegger e os “riscos” da técnica moderna.

Vejamos então, com mais detalhes, como nosso autor mostra a questão da técnica, e como a essência da mesma se relaciona com um novo “conceito” de verdade; verdade que não será mais concebida como adequação e também não mais fundada em um sujeito humano autônomo que, deliberadamente, decide sobre a ordem racional das coisas. Vejamos também como esta nova forma de mostrar a técnica retira o sentido tradicional de perigo, mostrando outro, outro que é “primeiro” e primeiro por ser originário e fazer parte da relação humana com o ser. Tomemos para efeito de nossas análises o texto *A questão da técnica*, o qual é resultado de uma conferência apresentada por Heidegger em 1953, na Escola Técnica de Munique; nesta, o autor, partindo de uma “abordagem” ontológica faz uma reflexão sobre a técnica e sua relação com o ser e seu envio operante na metafísica. Aqui também, além de confirmar sua tese de que as ciências, sobretudo a física, empregam instrumentos a serviço da essência da técnica, Heidegger ingressa na ampla discussão sobre os riscos e/ou benefícios da mesma. Lembra-se que vários outros textos heideggeriano mostram também essa questão. Exemplifica-se a carta direcionada ao japonês Kojimas, na qual Heidegger concebe a técnica como um processo de europeização do mundo; processo este fundado num domínio de uma força, técnico-racional, que plasma a sociedade contemporânea industrial. Lembra-se ainda o texto *Linguagem Tradicional e Linguagem Técnica (1962)*, no qual Heidegger mostra, para depois se opor, algumas interpretações correntes de conceber a técnica moderna, a saber,

técnica como meio idealizado e fabricado pelo homem; técnica como instrumento na aplicação prática da ciência moderna; técnica industrial baseada na ciência moderna; técnica moderna, resultante do desenvolvimento contínuo da técnica artesanal.

Em linhas gerais, todas estas visões sobre a técnica se restringem, para Heidegger, ao sentido antropológico, logo, limitam-se a entender a técnica tão somente como um meio, como um instrumento a serviço do homem. Mas é na conferência de 1953 que Heidegger intensifica sua crítica a estas abordagens, acusando-as de metafísicas, portanto, esquecidas do que se deve essencialmente se pensar acerca desta questão. Vista no horizonte antropológico e como instrumento (meio) para atingir fins, a técnica é mostrada para atender, exclusivamente, às necessidades humanas e a uma crescente vontade racionalizante de poder que se alastra e se desenvolve por toda modernidade.

Para o antropologismo técnico, o instrumento é conatural ao homem e responsável por seu desenvolvimento e sobrevivência, tornando-o um ser dependente da técnica; e, é nesta relação de dependência que se cria a impressão de uma escravização ou um domínio humano sobre a mesma. Heidegger quer mostrar que as interpretações antropológicas acabam por intensificar o conflito entre homem e técnica, uma vez que nestas abordagens a técnica é vista como algo externo ao homem, cumprindo-se, portanto, tão somente como meio para atingir fins. Compreendida externamente e como meio para atingir fins, a técnica possibilita o sentido de pertencer ao controle humano, possibilitando também a crença de ser o homem o “senhor” da técnica. É a permanência nesta crença que, segundo Heidegger, encobre-se para o homem moderno a essência da técnica, encobrendo-se também a possibilidade de o mesmo fazer uma experiência livre com a essência da técnica. A técnica não é igual à essência da técnica, eis a máxima heideggeriana.

Em seus escritos, Heidegger não revela explicitamente quem defende as abordagens antropológicas, mas podemos nomear, para efeito de exemplificação, alguns dos seus contemporâneos que se aproximam desta abordagem. É o caso de Ortega Y Gasset e de Hans Jonas. O primeiro, (1991, p.13-19) como afirmado acima, vê a técnica como resultado do empenho humano para atender as necessidades supérfluas exigidas pela vida; Jonas (2013,p.36) associa a técnica com a ciência, vendo nas mesmas o grande perigo para nossa época; chega a sugerir para nossa era tecnológica uma responsabilidade ética comprometida com o futuro, com o objetivo de abrandar os percalços causados pela tecnociência.

A partir da leitura heideggeriana, pode-se afirmar que não há erro nestas abordagens, elas, e todas as outras que concebem a técnica a partir do instrumento são corretas. De fato,

quando observarmos atentamente as atividades humanas com a técnica é sempre o instrumento que se mostra primeiro; ele também sempre esteve atrelado à história do desenvolvimento humano; por isso, esse processo de instrumentalização operante no relacionamento humano com a técnica tem fomentado discussões filosóficas, sobretudo sobre os perigos nos avanços desenfreados que imperam no desmembramento da técnica. Mas Heidegger diz que o válido dito acerca da instrumentalidade da técnica, embora se confirme, não corresponde ao que essencialmente é verdadeiro. E aí ele traz um dado novo para a questão, a saber, o tema da “verdade”. Mesmo sendo corretas, as abordagens antropológicas não alcançam o nível da verdade na qual repousa a técnica moderna. E isso faz toda diferença.

Na conferência de 1953, a fim de suspender as abordagens antropológicas e a fim de mostrar o nível de verdade que opera na essência da técnica moderna, Heidegger irá mostrar a dívida que as teses antropológicas têm com o princípio de causalidade, resgatando o sentido originário deste princípio. Pergunta ele, “o que é o instrumental em si mesmo? A que pertence meio e fim?” (HEIDEGGER, 2002, p.13). Após estas perguntas ele responde: “Onde se persegue fins, aplicam-se meios, onde reina a instrumentalidade, aí também impera a causalidade”. (HEIDEGGER, 2002, 13).

Ao questionar o sentido instrumental da técnica e ao associá-la ao princípio de causalidade, Heidegger quer mostrar as incongruências das abordagens antropológicas, acusando-as de permanecerem na lógica metafísica por não enxergarem o que de fato significa o sentido essencial do conceito de causa. Lembra-se que o pensamento metafísico, por fugir do abismo do nada, sempre atribui uma causa para o ente, e isto tem uma implicação significativa nas interpretações acerca da técnica, limitando-as a conceber o conceito de causa tão somente na relação eficiente de causar um efeito.

Na concepção antropológica/instrumental, causa é sempre causa de um efeito; e é na assunção desta concepção que, segundo Heidegger, se torna obscura a possibilidade de vir à luz a essência da técnica moderna. Embora o princípio de causalidade seja um imperativo competente nas interpretações que abordam o tema da técnica, este não deve guiar essencialmente a questão. Por isso e pelo fato de tal imperativo chegar sempre primeiro nas abordagens que enfocam o tema, faz-se necessário, para Heidegger, uma reflexão mais apurada sobre o significado do conceito de causa, considerando a importância que o mesmo desempenha no desenvolvimento da questão da técnica moderna. Na verdade o que importa é mostrar o eco e os desmembramentos do entendimento moderno do conceito de causa.

Para Heidegger, o que modernamente se entende por causa deve-se ao modo grego de revelar sua experiência de mundo, sobretudo no que diz respeito ao entendimento da produção técnica dos seus entes. É deste mundo, portanto, que se anuncia e se envia, originariamente, o sentido de causa. Daí o esforço heideggeriano para a realização de um diálogo com a língua grega; daí também o empenho de Heidegger em resgatar o sentido antigo de técnica (produção) para suspender o entendimento moderno de causalidade.

Mas qual é o sentido de causa para os gregos; qual a relação do princípio de causalidade com a técnica moderna? Para responder a estas questões evoca-se o princípio das quatro causas erguido por Aristóteles. Este princípio aristotélico precisará ser visto de uma forma diferente daquela até então conhecida pelo Ocidente, mostrando-se também como a interpretação ocidental destas quatro causas se distanciou do que o grego entendia por produção, produção enquanto espaço por onde opera estas causas. Assim, para examinar, originariamente, as conexões das causas, Heidegger recorre a um exemplo da produção técnica de um cálice de prata confeccionado pelo homem (artesão), grego. A partir da experiência grega e no envio derivado de sua interpretação, as quatro causas que operam na produção do cálice são: a causa material, isto é, a prata; a causa formal (perfil) que se aplicará à matéria; a causa final, sua finalidade; e finalmente a causa eficiente, que é o ourives que torna operante o cálice na produção.

‘E se a causalidade for obscura justamente em sua essência, naquilo que ela é?’ Sem dúvida, há séculos considera-se a doutrina das quatro causas uma verdade caída do céu, clara como a luz do sol. E, não obstante, já é tempo de se perguntar: por que existem precisamente quatro causas? No tocante às quatro causas, o que significa “causa” em sentido próprio? De onde se determina o caráter de causa das quatro causas de modo tão uniforme a ponto de se pertencerem uma à outra numa coerência? (HEIDEGGER, 2002, p.13).

Estas indagações heideggerianas já trazem, para o princípio de causalidade, a marca da suspeita; pretendem mostrar outro sentido para o “jogo” que vigora na produção através das quatro causas. Ai, curiosamente, associando o termo alemão de causa (*Ursache*) ao sentido grego de causa (*aítia*), Heidegger revela para esta, (*aítia*), o sentido de *dívida*; mas não de dívida no sentido moral. Causa no sentido de dívida significa que os modos operantes nas causas que se dão na produção perfaz, antes da causalidade, o sentido de dever e responder. Assim, na produção originária de um cálice de prata, por exemplo, não predomina o sentido de eficácia no fazer. A prata deve à forma, que, por sua vez, deve à finalização do cálice; mas, não mais como fim a ser alcançado, e sim, como o que o cálice proporcionará ao homem depois de pronto. E ainda: tanto a prata quanto sua forma e seu “fim” devem ao ourives que,

com seu *logos*, e não com sua razão enquanto causa eficiente prioritária, reúne todo processo dos modos envolvidos para deixar o cálice ser, isto é, para deixar o cálice vir à vigência, perdurando como um ser sagrado. Aqui vemos algo novo na forma de pensar a produção através do “jogo” das quatro causas: a admissão do dever e responder, como modos que se dão no jogo da produção, retirando o que esta tem de operativo no sentido de causa e efeito; a finalidade, por sua vez, será vista no sentido essencial de *télos*, quer dizer, o cálice, que responde ao *lógos* do ourives (artesão), não se reduzirá a um simples utensílio para uso humano, mesmo sendo. O cálice valerá, no processo e depois de pronto, pelo “mundo” que ele abre e pelo modo como ele posiciona o homem no mundo; o ourives, por sua vez, não terá o sentido de causa eficiente, que operativamente realiza a produção no sentido de um fazer eficiente. Com seu *logos*, e sua capacidade de reunião, o ourives é atravessado pelas possibilidades que dão o sentido de permissão na produção. O dever e responder, vistos por Heidegger, atuando nas quatro causas, ocorrem, originariamente, na produção, e esta agora será concebida como um modo de desvelamento que permite o ser da coisa, quer dizer, permite seu próprio desvelar. Com isso Heidegger traz para o conceito de produção o sentido grego de *poiésis* operante em *Alétheia*. Aí ele faz a seguinte pergunta:

Onde nos perdemos? Questionamos a técnica e chegamos agora à *Alétheia*. O que a essência da técnica tem haver com desencobrimento? Resposta: tudo. Pois é no desencobrimento que se funda toda produção. Esta recolhe em si, atravessa e rege os quatro modos de deixar-viger da causalidade. À esfera da causalidade pertencem meio e fim, pertence a instrumentalidade. Esta vale como traço fundamental da técnica. Se questionarmos, pois, passo a passo, o que é propriamente a técnica conceituada, como meio, chegaremos ao desencobrimento. Nele repousa a possibilidade de toda elaboração produtiva. (HEIDEGGER, 2002, p. 17).

Fundando toda técnica na produção, e esta na palavra grega *Alétheia*, o que resta para o conceito de técnica moderna não será mais o instrumento, e, sim, ser um modo de desencobrimento. A técnica agora é mostrada a partir da sua verdadeira essência, a saber, o nível do desencobrimento. Mesmo tendo mostrado em que radica a essência da técnica moderna, ainda nos cabe perguntar: o que Heidegger pretende ao trazer a questão da técnica moderna para o nível do desencobrimento? Pretende, como já afirmado, mostrar a não instrumentalidade da sua essência; pretende também, mostrar seu asseguramento no nível da *verdade*; e o mais significativo, pretende mostrar que somente concebendo a técnica moderna neste nível essencial, pode-se mostrar os limites e as implicações da relação humana com a técnica, portanto, o que de fato inquieta e ameaça nesta relação.

Para Heidegger é a verdade entendida como *desencobrimento* (*Alétheia*) que funda tanto a técnica antiga quanto a técnica moderna. Mas ambas se dão de modos diferentes. Na

técnica antiga o saber(pro-dutor)/desencobridor era *poiético*, quer dizer, na pro-dução o ente era permitido ser, era livremente favorecido em seu desvelamento, por isso não colocava em risco as interpretações e as relações humanas com as coisas; o pro-duzir técnico inspirava-se na *physis* grega que, enquanto dinâmica de realização, permitia ao ente sua livre autoemergência; assim, nesta consideração, a pro-dução técnica/poiética grega se mostra como uma espécie de deixar ser do ente, deixar ser que perfaz o sentido de *liberdade*.

Na técnica moderna, ao contrário, o saber desvelador se reduz a uma imposição cujo efeito se dá na *exploração*. Aqui as possibilidades dos entes se trancam para atender tão somente a uma rede exploratória, cuja principal característica é torná-los em estoque. Os recursos da natureza mediante o produzir exploratório moderno são postos como fundo de reserva para geração de energia. A usina elétrica instalada no rio Reno mostra-se diferente da antiga ponte que o liga de um lado a outro. Inspirando-se no exemplo do utensílio grego, a ponte, ao contrário da usina, permite que o rio seja em todas as suas possibilidades naturais. A usina, ao contrário do sentido liberado pela ponte, tranca as possibilidades do rio, limitando-o a cumprir-se como um dispositivo gerador de energia.

Heidegger nomeia o modo como o rio se encontra exigido pela usina com a palavra (*Bestand*). Lembramos que as palavras cunhadas por Heidegger gravitam sempre em torno dos sentidos cotidiano e extraordinário. Para ele, as palavras precisam revelar suas forças, sobretudo na hora em que o pensamento se vê convocado a revelar o que é essencial. Usar a palavra em toda sua intensidade faz parte do exercício autêntico do pensamento. Literalmente *Bestand* se traduz por existência; mas seu sentido é mais amplo, mesmo o conservando. Por Heidegger, *Bestand* nos chega na forma de um existente disponível, posicionado sempre por uma exigência de dis-ponibilidade para estoque; estoque também é uma forma de traduzir o termo *Bestand*.

Portanto, na era da técnica moderna os existentes não se mostram como se mostravam para o homem antigo, ou seja, entregues às suas possibilidades; não se mostram nem mesmo como simples objeto, que na modernidade tem se mostrado como algo posto diante do homem. Nesta era, onde se alastra o sentido gerado pela atividade técnico/científica, segundo Heidegger, *ser* existente para algo significa estar de prontidão, estar dis-ponível para ser acionado a qualquer momento em atenção a uma rede complexa de exigência, cuja finalidade é o asseguramento da produção de energia como fundo de reserva. Diz-nos nosso autor:

No sentido da dis-ponibilidade, o que é já não está para nós em frente e defronte, como um objeto. Mas o avião comercial, dis-posto na pista de decolagem, é fora de qualquer duvida um objeto. Com certeza. É possível representar assim essa máquina

voadora. Mas, com isso, encobre-se, justamente, o que ela é e a maneira em que ela é. Pois, na pista de decolagem, o avião se des-encobre como dis-ponibilidade à medida que está dis-posto a assegurar a possibilidade de transporte. (HEIDEGGER, 2002, p. 21)

Pois bem, ao assegurar uma trama complexa de aparatos tecnológicos, o ente desvelado pelo conhecimento da técnica moderna, a exemplo do avião, deixa de ser um simples objeto, para transmitir o sentido de segurança para manutenção desta trama. Aqui o ente perfaz seu sentido, garantindo a funcionalidade da rede que ele sustenta; no asseguramento desta está em causa, também, a compreensão moderna do avião. Sabe-se que o mesmo, em sua composição técnica/mecânica, é uma máquina complexa a qual é o resultado da aplicação de conhecimentos científicos, os quais foram necessários para garantir o seu funcionamento. É este percurso que imprime no avião sua eficiência. De fato, a ciência se desenvolve transmitindo segurança por usar, em atenção às suas leis, instrumentos técnicos; mesmo os não cientistas manipulam e confiam nos entes técnicos sem saber a complexidade científica operante neles. Heidegger vê riscos na distância entre o homem e os entes desvelados pelo conhecimento científico, pois esses entes já não se encontram medidos pela correlação originária do homem com o ser. Em seu entender, a ciência, através de sua investigação, cria uma distância com o sentido originário do ente em razão da sua forma metódica de proceder, que, através da investigação, planeja, antecipadamente, medidas de seus interesses para o ente já previamente desvelado por ela. Na conferência de 1953 ele chama a atenção, não apenas para a prática ampliadora da racionalidade científica, mas para o tipo de poder ao qual é submetida a ciência e, conseqüentemente, o homem moderno.

Na carta resposta ao japonês Kojima, Heidegger ressalta a força deste poder operando na natureza. Em atenção a este poder a ciência transforma a natureza numa “objetividade calculável”, (p.194), descerra a energia oculta da natureza transformando-a em artefatos. “... o que se descerra é transformado, o que se transforma é reforçado, o que se reforça é armazenado, o que se armazena é distribuído.” (HEIDEGGER apud STEIN, 2002, p. 195). Mesmo mostrando esta agressividade científica, Heidegger não está condenando a atuação da ciência moderna, nem está fazendo apologia a uma sociedade pré-científica; o que ele pretende é chamar a atenção para o modo como a ciência e o homem estão submetidos a esta força que se esconde na atividade avassaladora da ciência.

Tanto na questão da ciência quanto como também na questão da técnica é esta força escondida que precisa se mostrar. Daí se justificar o distanciamento heideggeriano das concepções que consideram a técnica a partir do desenvolvimento instrumental/científico.

Para Heidegger, as características instrumental e científica da técnica são modos eficientes de desvelar os entes, porém não devem ser entendidos como os únicos, visto que o homem, em seu percurso histórico, já mostrou ser possível outras formas de produção desveladora. Assim, no debate acerca da técnica moderna, heideggerianamente falando, não se deve considerar o fator da eficiência ou ineficiência da mesma, na verdade o que deve ser posto em questão é o *modo* como a essência da técnica vem submetendo a ciência e as atitudes humanas; a técnica, essencialmente falando, não resulta do controle humano nem se restringe a ser um instrumento científico. Em sua essência, ela é a força velada que se esconde para se mostrar na manipulação produtora das coisas. Portanto é esta força que deve ser o foco da questão, pois é ela que, veladamente, interfere no processo de realização de todo o real.

Sendo desencobrimento da dis-posição, a técnica moderna não se reduz a um mero fazer do homem. Por isso, temos de encarar, em sua propriedade, o desafio que põe o homem a dis-por o real, como dis-ponibilidade. Este desafio tem o poder de levar o homem recolher-se na dis-posição. Está em causa o poder que o leva a dis-por do real, como dis-ponibilidade. (HEIDEGGER, 2002, p. 23).

O poder que põe o real na condição de dis-ponibilidade, Heidegger o nomeia, como já afirmado no primeiro momento do texto, com a palavra *Ge-stell*. *Gestell* significa uma estrutura que junta, que unifica para obrigar o ente a se mostrar em atenção, tão somente, à sua exigência de domínio, que é a exigência de se dispor enquanto fundo de reserva. O modo de ser do *Gestell* é tão espantoso que Heidegger já o interpreta como algo à frente da relação moderna sujeito/objeto, nos dando a entender que, com a nomeação desta palavra, ele ultrapassa a metafísica moderna; no entanto ela persiste, uma vez que se manifesta, no *sendo* moderno, na forma de um pensamento dominante que impõe o controle de tudo. O anúncio do *Gestell* é o depoimento heideggeriano de que a metafísica chega no “acabamento” do seu *sendo* na forma mais agressiva, uma vez que o homem se encontra radicalmente distante de sua essência. Assim, como todo pensador que responde por seu tempo, Heidegger aponta a palavra *Gestell* gravitando entre os sentidos ordinário e extraordinário.

[...] de acordo com o uso corrente, ‘*Gestell*’ (composição) designa um equipamento, por exemplo, uma estante de livros (Bücherges-tell). ‘*Gestell*’ significa também o esqueleto. E tão horripilante, como um esqueleto, parece-nos a pretensão deste uso da palavra” composição [...] (HEIDEGGER, 2002, p. 23).

Mas, por qual motivo Heidegger se admira com esta palavra, chamando-a de horripilante? Seria pela ameaça que ela traz? Ou será que ela esconde algo de novo, uma vez que é Heidegger quem a nomeia? É o que tudo indica. Já afirmamos que no predomínio da

força do *Ge-stell* o homem se encontra em risco, uma vez que já se entende como dispositivo, ou seja, disponível como recurso humano pronto para a esta força servir. E este é o mais profundo dos perigos. Porém, curiosamente, para justificar o extraordinário que a palavra *Gestell* abriga, Heidegger a confronta com a experiência grega de ser, mostrando o quanto esta palavra deve ao modo grego de entender a produção.

O verbo ‘pôr’(*stellen*), inscrito no termo composição, ‘*Gestell*’, não indica apenas a exploração. Deve fazer ressoar o eco de um outro “pôr” de onde ele provém, a saber, daquele pro-por e ex-por que, no sentido da ποιήσις, faz o real vigente emergir para o desencobrimento. Este pro-por produtivo (por exemplo, a posição de uma imagem no interior de um templo) e o dis-por explorador, na acepção aqui pensada, são sem dúvida, fundamentalmente diferentes e, não obstante, preservam, de fato um parentesco de essência. Ambos são modos de desencobrimento, modos de ἀλήθεια. (HEIDEGGER, 2002, p. 24).

Agora percebemos o “novo” que se esconde nesta palavra; Ge-stell, como perigo profundo, por ser um modo de desencobrimento explorador, mostra-se agora comungando sua essência com a forma *poiética* de produção. Mas, como o imperativo da técnica moderna, o *Ge-stell*, se comunga com a forma *poiética* de produção? A comunhão é uma comunhão de essência, pois ambas as produções participam do desvelamento, uma vez que são modos de o ser do ente se desvelar. É neste aspecto que se mostra o caráter ontológico da técnica.

Herdando a *poiésis* grega e depondo no nível da *Alétheia*, a essência da técnica moderna é uma forma de desencobrimento do ser, logo, faz parte do “destino” histórico da presença humana. E é aí que podemos dizer: ao contrário do que se pensa, o perigo posto na com-posição (*Ge-stell*), ao mesmo tempo em que ameaça, mostra também o que salva, uma vez que põe o homem moderno cumprindo-se no “destino” do ser. Desta forma, estranhamente, Heidegger põe o sentido da essência da técnica moderna em uma ambiguidade: o imperativo explorador do *Ge-stell* ameaça, ao mesmo tempo em que “liberta”. Para justificar esta ambivalência, Heidegger se vale de um poema de Hölderlin. Diz ele citando este poeta: “Ora, onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva.” (HEIDEGGER, 2002, p. 31). É esta metáfora que Heidegger utiliza para mostrar o que se dá de ambíguo na essência da técnica moderna. O *Ge-stell*, enquanto desencobrimento, ameaça ao colocar o homem no modo da dis-posição, mas salva porque garante ao homem sua pertença no desencobrimento. Assim, o que ameaça, isto é, o desencobrimento operante no *Ge-stell*, é o que aponta para a medida da salvação.

Ora, para a essência ambígua da técnica medrar o que salva, ela precisa receber um sentido não mais metafísico. A metafísica sempre nos educou a pensar o sentido de essência

como algo fixo, subjacente a todo ente; também, como o gênero mais elevado. Mas Heidegger não aceita tal concepção de essência herdada da tradição porque o que se esconde, essencialmente, por trás do *Gestell* faz parte do mistério que acompanha o homem; por isso, mostra a essência da técnica, a com-posição (*Ge-stell*) em outro sentido, a saber, no sentido do destino do ser. Como destino, a essência da técnica moderna é o que *dura*, portanto o que concede. Heidegger retira este novo sentido de essência da linguagem poética de Goethe, que utiliza a palavra “misteriosa” “*fortgewähren*” para designar a continuação da *concessão*. Duração enquanto sentido essencial da técnica, é *concessão* e a essência da técnica moderna, agora, se transforma de *imposição* para *concessão*. Mas como pode o imperativo da com-posição ser uma concessão, se ele mais aprisiona do que liberta? E aí Heidegger responde:

“Todavia se o destino (o envio) da com-posição é realmente o perigo extremo, não só para a essência do homem mas também para todo desencobrimento, como tal, será que ainda se pode chamar de concessão um envio assim? Sem dúvida e sobretudo, caso, no envio, tenha de medrar e crescer o que salva. Todo destino de um envio acontece, em sua propriedade, a partir de um conceder e como um conceder. Pois é a concessão que acarreta para o homem ter parte no desencobrimento, parte esta de que carece a aproximação do desencobrimento. Por ser assim encarecido, o homem se acha apropriado pela apropriação da verdade. A propiciação, que envia para o desencobrimento de uma maneira ou de outra, é o que salva, enquanto tal. Pois é o que Salva que leva o homem a perceber e a entrar na mais alta dignidade de sua essência. Uma dignidade, que está em proteger e guardar, nesta terra, o desencobrimento e, com ele, já cada vez, antes, o encobrimento. A com-posição é o perigo extremo porque justamente ela ameaça trancar o homem na dis-posição, como pretensamente o único modo de desencobrimento. E assim trancado, tenta levá-lo para o perigo de abandonar sua essência de homem livre. Precisamente, neste perigo extremo, vem a lume sua pertença mais íntima. Trata-se da pertença ao que se lhe concede e outorga. (HEIDEGGER, 2002, p. 34).

Agora se explicita mais a metáfora, “onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva”. Podemos, também, neste momento confirmar o que anunciamos no início do nosso texto, a saber, que Heidegger não desautoriza a técnica; ao contrário, nos convida a questionar a essência da mesma, tanto para mostrar sua ambiguidade, quanto também para mostrar que o verdadeiro perigo sempre circunda o homem, a saber, o perigo de o mesmo pertencer à história do destino do desvelar/velar do ser.

Sendo na pertença do envio velado do ser, o homem sempre está em “risco” por esquecer o ser, uma vez que este, sempre velado, só se dá na forma do que já se desvelou. Portanto, no esquecimento, o homem se tranca no que desvela, se medindo, apenas, pelo sentido do ente que o ser, no seu tempo, lhe outorgou. Na era da técnica moderna isto se agrava, pois o homem se encontra radicalmente esquecido do seu próprio esquecimento, uma vez que já se entende como senhor dos entes desvelados pela técnica. Mas, mesmo trancado e

esquecido exerce seu privilégio de ser o afetado a responder pelo ser e o desmembrar de sua história, que é a história do seu destino. Nesta história, o que sempre fica velado, exigindo seu desvelamento é o próprio ser. É “ele”, o ser, que concede ao homem a oportunidade de comungar sua liberdade como “espaço aberto”, onde são garantidas suas possibilidades de ser no mundo. É por isso que a questão da técnica, em Heidegger, se dá na forma ontológica, uma vez que faz parte da correlação humana e seu destinamento no ser. Quer dizer, a técnica, em sua essência, é o próprio envio histórico re-clamado no velo do ser.

Assim, por este velo e através da exigência doadora, o homem, esquecido, está sempre em riscos, riscos ontológicos, que se justificam pela doação retraída do ser e seu desvelar-se como ente. Mas Heidegger encontra também neste jogo a “salvação”, não moral, mas salvação enquanto participação do homem na afecção do velo que se oferece para se revelar. Sustentando a resistência do velo e o poder imperante do seu desvelar, o homem, “salvo” no “perigo”, preserva sua indigência no desvelamento “histórico” do seu “mundo”; mas não entendamos histórico no sentido historiográfico, onde o trajeto humano se despedaça em fragmentos temporais. A história do ser é única, por ser ele a “força” secreta que se esconde na exigência que se repete para que o homem torne-se o que ele sempre foi no sendo. A partir desta afirmação cabe mais uma questão, a saber, ao associar a essência da técnica moderna com a ameaça libertadora do velar desvelar do ser, Heidegger não estaria acenando com outra possibilidade de o homem ser na era da imposição da técnica? Sobre as respostas a esta questão Heidegger nos dá vários acenos. Já no fim da conferência de 1953 ele, re-lembra o parentesco que a palavra técnica, evidenciada pelos modernos, tem com a palavra grega *techné*. Diz que esta, como forma de desencobrimento *poético* eleva a verdade ao seu superior esplendor. Mas, simultaneamente a esta afirmação, Heidegger não confirma que a *techné* grega, como arte poética, deva assumir o lugar da técnica moderna. Aí, inesperadamente sugere que o pensamento se espante com o império expansivo da essência dominante da técnica moderna. Diz ele:

Ninguém poderá saber se está reservada á arte a suprema possibilidade de sua essência no meio do perigo extremo. Mas todos nós poderemos nos espantar. Com o quê? Com a outra possibilidade, a possibilidade de se instalar por toda parte a fúria da técnica até que, um belo dia, no meio de tanta técnica, a essência da técnica venha a vigorar na apropriação da verdade. (HEIDEGGER, 2002, p. 37).

Será que devemos pensar e assumir a fúria da técnica moderna como nosso destino? É o que parece. Richard Wisser (1970,p.331) informa que os questionamentos heideggerianos acerca da técnica não visam respostas objetivas, são questionamentos responsabilizantes, não

éticos, diante das incertas concepções antropológicas/instrumentais da técnica moderna. Com isso ele sugere também que, no pensamento heideggeriano, o aceno para “saída” dos riscos da técnica seja a assunção da *responsabilidade questionante* diante da essência da técnica e não um questionamento que considere os instrumentos. Isto nos leva a crer que Wisser assume a proposta heideggeriana de pensar a essência da técnica a partir da arte de questionar, questionar para mostrar uma possibilidade de o homem expor sua liberdade a partir da comunhão de sua essência com a essência da técnica moderna.

Se o questionamento responsabilizante incidir sobre os equívocos das concepções que desconsideram a essência da técnica moderna, o homem não conquistará sua verdadeira liberdade doada na sua pertença ao velo do ser. Portanto, a “libertação” diante da técnica está no reconhecimento do mistério que se repete no velamento de sua essência. Velada, a essência da técnica é o próprio ser, logo, atua como a força doadora que leva o homem a desvelar seu mundo. Neste caso, todo aparato técnico, que inquieta o homem por ofuscar sua essência, não passa de uma dádiva oferecida pelo ser. O homem atual recebe do ser o modo técnico no qual ele se encontra. Por isso ele não deve entender a técnica como instrumento passível de seu domínio, mas como algo que lhe foi sempre ofertado.

Outro aceno para “superação” do modo de ser na era da técnica moderna encontramos nas reflexões heideggerianas sobre a *Serenidade*. Citemos então uma passagem do pensamento de Heidegger.

Não sabemos o que reside no sentido do domínio crescente da técnica atômica, cada vez mais inquietante. *O sentido do mundo técnico oculta-se*. Porém, se atentarmos agora, particular e constantemente, que em todo o mundo técnico deparamos com um sentido oculto, então encontramos imediatamente na esfera do que se oculta de nós e se oculta precisamente ao vir ao nosso encontro. O que, deste modo, se mostra e simultaneamente se retira é o traço fundamental daquilo que chamamos o mistério. Denomino a atitude em virtude do qual nos mantemos abertos ao sentido oculto no mundo técnico a *abertura ao mistério* (*die Offenheit für das Geheimnis*). A serenidade em relação às coisas e a abertura ao segredo são inseparáveis. Concedem-nos um novo solo sobre o qual nos possamos manter e substituir (*stehen und bestehen*), e sem perigo, no seio do mundo técnico. A serenidade em relação às coisas e a abertura ao segredo são inseparáveis. (HEIDEGGER, 2000, p. 25).

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido de Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BRÜSEKE, Franz Josef. Heidegger como crítico da técnica moderna. *In: A técnica e os riscos da modernidade*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.p.57-114.

DREYFUS, Hubert L. Heidegger acerca da ligação entre niilismo, arte, tecnologia e política. *In: Poliedro Heidegger*. Tradução de João Carlos Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.307-336.

FUKUYAMA, Francis. *Nosso futuro pós-humano: consequências da revolução da biotecnologia*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. Heidegger y el final de la filosofía. *In: Acotaciones hermenêuticas*. Tradução de Ana Agud e Rafael de Agapito. Madrid: Trotta, 2002. p. 239-256.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002. p.11-38.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Lenguaje tradicional y lenguaje técnico*. Disponível em: <http://www.heideggeriana.com.ar/textos/tecnicotradicional.htn>. p.4. Tradução de Manuel Jiménez Redondo.

HEIDEGGER, Martin. Carta resposta a Kojima. *Apud ESTEIN, Ernildo. Uma breve introdução à filosofia*. Ijuí(RS): Ed. Unijuí,2002.p.193-202.

HERRMANN, Friedrich Wilhelm von. Arte y técnica en el horizonte de um cuestionario histórico-del-Ser. *In: HERRMANN, Friedrich Wilhelm von. La técnica em Heidegger*. Tradução de Eduardo Sabrovsky. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales. s/d. p.415-450.

JONAS, Hans. *Técnica medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade*. Tradução do Grupo de Trabalho Hans Jonas da ANPOF. São Paulo: Paulus, 2013.

KOYRÉ, Alexandre. Os filósofos e a máquina. *In: KOYRÉ, Alexandre. Estudo de história do pensamento filosófico*. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.p.243-270.

MITCHAM; MACKEY. (Eds.) *Filosofia y tecnologia*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2004.

OLIVEIRA, B. J. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditação sobre a técnica*. Tradução de José Francisco P. Almeida Oliveira. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1991.

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro humano*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SIMONDON, Gilbert. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Tradução de Margarita Martínez y Pablo Rodríguez. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2007.

SPENGLER, Oswald. *O homem e a técnica*. Tradução de João Botelho. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

WISSER, Richard. *Responsabilidad y cambio histórico: respuestas de Jaspers, Buber, C.F. von Weizsäcker, Guardini y Heidegger*. Tradução de Mario A. Presas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1970.

Notas

¹A temática relativa aos acusadores e aos apoiadores da técnica é muito ampla, perpassando as teses dos autores acima citados. Para maior aprofundamento do tema em questão conferir o livro de MITCHAM Y MACKEY (2004). Nesta obra, que é uma coletânea de textos sobre o tema, temos vários artigos de teóricos contemporâneos. Os autores dividem as abordagens sobre a técnica atendendo a três instâncias temáticas, a saber: a relação da técnica com a ética e a política; com a religião e com a antropologia e a metafísica. Confira também LINARES (2008). Neste livro o prof. Linares faz um exame sobre a questão da técnica no transcorrer do século XX, destacando as posições críticas de Martin Heidegger, Jacques Ellul, Günther Anders, Eduardo Nicol e Hans Jonas. Para Linares, esses cinco teóricos entendem no progresso desenfreado da tecnologia contemporânea uma ameaça para a condição humana, pois impede o homem de ser o sujeito da história. Quer dizer, a tecnologia está se tornando autônoma e determinando as novas condições para o homem. Embora faça um profundo estudo sobre o tema dos riscos e dos acusadores da técnica nesses autores, discordamos de Linares no que tange as suas análises referentes ao pensamento de Heidegger. Para esse comentador, Heidegger se apresenta apenas como um crítico da técnica. Em sua abordagem, Linares deixa para trás a relevância que o ser possui na questão do tema do “perigo” da técnica. Como iremos analisar ao longo deste trabalho, Heidegger não é contra a técnica, e quando fala do “perigo” é para resgatar o “perigo” originário mostrado na “incapacidade” do pensamento metafísico alcançar com propriedade a exigência que o ser concede ao homem. Portanto, não é primeiramente o avanço tecnológico que preocupa Heidegger, mas a falta de “empenho” do pensamento filosófico para tematizar adequadamente a questão do ser.

² Há no Brasil um estudo significativo referente a Bacon e a questão da técnica, confira OLIVEIRA (2010).

³ Para um importante comentário sobre o vínculo de Descartes junto à discussão sobre a técnica conferir o texto de KOYRÉ (1991, p. 243-270).

⁴ A literatura referente à questão da técnica no pensamento de Heidegger é extensa. Dentre os vários textos que acessamos sugerimos a leitura de alguns, a saber: RÜDIGER (2006), DREYFUS (1998, p. 307-336), GADAMER (2002, p. 239-256), BRÜSEKE (2001, p.57-114) e HERRMANN (s/d, p.415-450).

⁵ Estamos utilizando a tradução de STEIN(2002,p.192-202).